



## A influência cultural sulista na regionalização rondoniense<sup>1</sup>

Débora Teixeira Machado<sup>2</sup>  
Simone Gomes Marques<sup>3</sup>

**Resumo:** O proposto artigo nos leva a uma reflexão acerca da territorialidade cultural dos migrantes sulistas que vivem em Rondônia e a influência que tal cultura possui no espaço em questão. Para compreender e evidenciar a territorialidade, buscou-se bibliografias referentes a temática, bem como a percepção do espaço como reprodução cultural. O estudo norteia-se no processo migratório que ocorreu em Rondônia na década de 70, fruto de uma estratégia geopolítica de ocupação do território. Identificar as diversas relações culturais torna-se relevante para compreender a dinâmica social (re) produzida no espaço, no caso de Rondônia percebe-se uma forte influência nos hábitos alimentares e festivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Territorialidade. Identidade. Cultura.

### 1 INTRODUÇÃO

A história das migrações regionais acompanha o desenvolvimento do país e suas mudanças sócio-econômicas. Rondônia passou a constituir o destino de migrantes vindos de todo o Brasil, seja por motivos particulares ou através de políticas públicas de desenvolvimento.

O proposto trabalho visa enfatizar a migração interna, que se distingue por ocorrer dentro do país, ou seja, os movimentos de pessoas que vão de um estado para outro com anseio de melhorias no seu modo de vida. São estes os pontos discutidos nesse artigo como uma forma de aprendizado de uma das diferentes culturas que territorializam-se no espaço social do estado de Rondônia.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir do interesse das autoras em estudos sobre migrações populacionais referentes às aulas de Geografia da População ministradas durante a graduação.

<sup>2</sup> Bacharela em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia- UNIR. E-mail: [debyunir@gmail.com](mailto:debyunir@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. E-mail: [geosimone2009@gmail.com](mailto:geosimone2009@gmail.com)



A cultura de um povo é de certa forma a identidade que este possui, sendo assim o que o difere dos demais. No caso da cultura sulista, independente da região geográfica que ela se manifesta, sempre será notória e expansiva, seja na fala, nos hábitos alimentares, festivos ou produtivos. Em Rondônia, a partir dos projetos de colonização muitos migrantes sulistas descontentes com a situação na qual se encontravam em seu lugar de origem, decidem migrar para o norte do país, causando assim uma verdadeira corrida em busca de terras férteis. Muitos ocuparam a região cone sul do estado, sobretudo, pela proximidade com o estado de Mato Grosso, outros, as regiões central e do Guaporé.

A discussão acerca do regionalismo é rica e intrincada e também está ligada ao aspecto político. No presente trabalho a noção de regionalismo<sup>4</sup> é ampliada, tendo como princípio o fato de que todo ser humano estabelece vínculos com o seu lugar de origem, no qual ele tem suas referências.

Tal artigo foi elaborado por meio de leituras referentes ao processo de migração em Rondônia e também sobre a territorialidade, onde objetiva-se identificar a intensificação cultural dos sulistas em território rondoniense a partir da temporalidade.

## **MIGRAÇÕES E SUAS DENOMINAÇÕES**

As migrações são fatores determinantes para o crescimento territorial, não importa se essa migração é temporária ou permanente, ela modifica o lugar em que ocorreu. Nesse processo dinâmico que o indivíduo sofre com a desterritorialização, e ao chegar ao lugar onde residirá ocorre a territorialização, pois há uma parcela de sacrifício e aventura que requer muita garra e coragem de sua parte, pois não é nada fácil deixar seu grupo social,

---

<sup>4</sup> Regionalismo traduz peculiaridades locais, variações linguísticas e hábitos decorrentes da cultura em uma determinada região.



sua família, seus costumes para residir em outro lugar onde as pessoas são desconhecidas e possuem diferentes costumes e crenças

O lugar de origem e o de adoção são duas coisas distintas. O novo é associado á frente da expansão, á fronteira onde a realidade é mais dinâmica, onde tudo está em formação quando da sua vinda pra cá, aqui é o outro, o lugar onde tudo é, e pode ser diferente. Como afirma RUIZ:

O humano fraturado humaniza o mundo por meio da práxis significativa e se mundaniza ao inserir-se na alteridade irreduzível do mundo. O imaginário emerge, impregnando, de modo simbólico, o mundo que o rodeia. Por isso, todo símbolo necessita ser decifrado de modo lógico, a fim de entender os sentidos nele implicados, embora nunca se consiga explicar logicamente as potencialidades que ele incorpora (RUIZ, 2003, p. 177).

A mistura de culturas torna o estado um lugar curioso de se conhecer, podemos entender essa complexidade no ir e vir por meio do escrito de Haesbaert quando evidencia que:

O trânsito entre diferentes territórios, ou mesmo a vivência, concomitantemente, de múltiplas territorialidades, e o contornamento de certos limites ou fronteiras territoriais -, nesse caso, conformando de certo limites ou fronteiras multi e/ou transterritorialidade – são processos que cada vez mais parecem compor experiências concretas na sociedade contemporânea. Chegamos a ponto, muitas vezes, de vivenciarmos uma quase completa indistinção de quem/o que está dentro e o que está fora de um território, quais são os limites territoriais de ação de uma ou outra modalidade de poder (HAESBAERT, 2011, p. 16).

As particularidades das diversas culturas entrelaçadas, e ao mesmo tempo tão dispares são notórias em Porto Velho, pois usa-se fortemente a fala como marcador territorial, tal afirmação se dá nas as expressões “guri” na área urbana da cidade, e “tchê” na zona rural. Em ambos os espaços a expressão “piseiro” quer dizer festa, a utilização do verbo “caçar”, para indicar ir em busca de alguém ou uma paquera. Esses marcadores são marcas diferenciadoras da cultura, como afirma Almeida Silva (2010), “as representações, as formas e as



presentificações sem sombra de dúvida servem para, no espaço, evidenciar a ação humana como elemento constituinte do modo de vida” (SILVA, 2010, p. 77).

A maior diversidade entretanto, está na culinária: peixes amazônicos, pão de queijo mineiro, polenta paranaense e churrasco gaúcho estão entre os pratos típicos de Rondônia. Os migrantes de vários lugares do Brasil permitiram-se mesclar em seu modo de vida um novo que os possibilita a viver neste lugar. Até porque cada indivíduo vive multiplicidades de seres, por viver em sociedade, o homem capta de seus próximos os costumes, idioma, tradições, experiências, ou seja, a individualidade é quase nula, mas ainda assim existente, como afirma Claval:

A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transmitida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem. Sem ela, eles estariam desamparados: o instinto não é suficiente para guiá-los. Faz-se necessário dispor de armas para a proteção e para a caça, de utensílios para produzir, habitar e se vestir. A linguagem permite que os homens se comuniquem. Suas relações só se desenvolvem a contento quando inseridas em contextos admitidos por todos. A cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação à sua existência e à dos seres que o circundam e formam a sociedade da qual se sente membro. Ela não desempenha o mesmo papel nos diversos momentos da vida (CLAVAL, 2001, p. 89).

## **RONDÔNIA E A MIGRAÇÃO**

Rondônia é um estado que surge de uma ocupação ordenada por meio de estratégias, onde segundo Amaral (2004) tal ocupação, que teve início na década de 70 se caracterizou por impedir que um número considerável de indivíduo pudesse ter acesso à terra. Utilizando-se de uma estratégia *GEOPOLÍTICA*, o Estado brasileiro procurou assegurar e controlar o domínio do espaço através das políticas de ocupação do território, por meio de órgãos federais, como a exemplo do INCRA criado em 1970. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) é uma autarquia federal criada pelo



Decreto nº 1.110, de nove de julho de 1970 com a missão prioritária de realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União.

A colonização em Rondônia ocorreu efetivamente via Br 364, implantado na antiga linha telegráfica, construída pelo Marechal Cândido da Silva Rondon. Um fato que contribuiu para o processo de migração é que, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, iniciava a modernização no campo e as tradicionais práticas de cultivo de café foram substituídas por plantações mecanizadas de soja, trigo e cana-de-açúcar em larga escala, reduzindo a quantidade de mão-de-obra necessária. Tal modernização provocou o desemprego que desencadearam conflitos entre donos de terras e proletários e para diminuir a tensão provocada pelas brigas entre os atores da cafeicultura o governo incentivou a migração para as regiões de fronteiras, forçando assim, a migração para outras regiões, inserida assim, em Rondônia, e para as grandes metrópoles.

Entre os anos de 1877 e 1900, 158 mil pessoas migraram para Rondônia, atraídas pela exploração da borracha. Entre os anos de 1907 e 1912, vieram mais 22 mil pessoas para trabalharem na construção da EFMM. Em 1920, com o término do I Ciclo da Borracha, milhares de pessoas emigraram para outras regiões e países e, em 1940, o número de habitantes não chegava a 21 mil. O crescimento populacional se intensificou significativamente, a população que em 1970 era de 100 mil habitantes, em 2010 chegou a 1,5 milhões, assim como também houve o aumento dos municípios que, em 1970 eram apenas dois (Porto Velho e Guajará-Mirim) hoje chega a 52.

Segundo CUNHA (2015, pg.12)O “choque cultural” foi inevitável neste processo, que colocou pessoas de distintas regiões em um mesmo e local. Sotaques e formas diferentes de lidar com a terra e com o rebanho começaram aos poucos a se misturar em novas configurações, não apenas sociais, mas também de produção laboral.

Ao partir para novas terras o migrante se preocupa com a possibilidade de reprodução social, ao ir para o novo se preocupa em manter sua identidade.



Nesta perspectiva Tavares dos Santos (In: AMARAL, 2004) nos diz que a migração surge como alternativa às condições insatisfatórias de vida, marcada pela expropriação sucessiva de seu trabalho excedente.

Viver em outro lugar, reestruturar relações espaciais e temporais é uma tarefa complexa. A convivência do migrante com a população local é exercida numa via de mão dupla, na qual o movimento de (des)territorializar e (re)territorializar é constante, variando de acordo com muitas situações específicas. No processo migratório para Rondônia, muitos sulistas se deslocaram por motivos particulares e com eles vieram a cultura e vários hábitos. Ser sulista em outro lugar implica em atos, falas e hábitos muito peculiares que evocam uma origem referenciada em um passado, consolidado de domínio coletivo e individual, validando assim a identidade reivindicada, Haesbaert retrata bem essa busca do domínio.

O jogo territorial desenhado por grande parte desses migrante – embora, obviamente, de modo amplamente diferenciado conforme as classes sociais envolvidas – constitui um emaranhado de redes de múltiplas dimensões que, podemos caracterizar como: redes econômicas, [...] redes político-social [...] redes ideológico-culturais (HAESBAERT, 2011, p. 22).

Nesta diferenciação observa-se a rede-ideológico-cultural, onde se evidencia bem que a identidade regional sulista adquiriu prestígio e reconhecimento, pois demarcou um espaço definido como diferente e particular no todo nacional. A discussão acerca do regionalismo é rica e intrincada e também está ligada ao aspecto político.

A cultura sulista de fato permeia por todo o território rondoniense, desde a capital até os mais longínquos interiores carregados de vivência e hábitos, sejam alimentares ou festivos. Os migrantes da região Sul trouxeram muitas influências e destaque no crescimento demográfico, e também influência cultural, seus conhecimentos de técnicas em agricultura, proporcionou para a produção agrícola e pecuária do estado destaque



nacional, constatamos isso ao ver Rondônia entre os maiores produtores em expansão da soja.

Segundo SILVA et al (2013, pg: 75) Uma parte dos sulistas que vieram para Rondônia na época de ocupação do território, possuía reserva de capital que possibilitava investimentos no comércio, no setor imobiliário, na pecuária, na agricultura e na prestação de serviços. Além disso, outra parcela dos migrantes sulistas apresentava formação acadêmica, de tal forma ocuparam cargos públicos, uma das maiores demanda de emprego para um município, onde tudo ainda estava para ser feito.

## **MANIFESTAÇÃO CULTURAL SULISTA**

Segundo Geertz, “a cultura é um sistema de símbolos e significados, e o homem é um animal que vive preso a essa teia de significados criados por ele mesmo”. Os sulistas, e em particular os gaúchos, possuem hábitos alimentares, costumes, danças, vestimentas e relações sociais que procuram permanentemente expressar, esta atitude nos lares com o modo de alimentação a exemplo do churrasco, da cuca, da bolacha caseira, etc, a maneira de compartilhar o chimarrão colocando os assuntos em dia (não é apenas a conversa, perpassa para uni-los como companheiros, amigos conterrâneos que possuem o mesmo hábito), o vanerão, um tipo de dança realizada com entusiasmo em suas festas, a maneira de falar que os identificam onde quer que vão e outras ações que estão repletas de significados e refletem o comportamento e a maneira peculiar de se expressar e viver.

Os hábitos e costumes regionais dos sulistas em geral se diferem um pouco uns dos outros. Nos três estados destaca-se a culinária feita com pratos





do pinhão que é um fruto retirado na semente da Araucária<sup>5</sup>, cozido ou assado o fruto é uma iguaria que está na mesa dos sulistas, a árvore é de destacada importância cultural, econômica e ambiental da região sul. Existem várias “Festas do Pinhão”, realizadas em locais onde há ocorrência da Araucária, principalmente no Paraná e em Santa Catarina.

O que mais se destaca culturalmente no Rio Grande do Sul é o hábito do chimarrão e principalmente o churrasco que já é difundido por todo o Brasil. O churrasco é um prato feito à base de carne temperada somente com sal e assada com a utilização de espetos ou grelhas. Não se tem uma referência exata sobre a verdadeira origem do churrasco, mas presume-se que a partir do domínio do fogo na pré-história, o homem passou a assar carne de caça quando descobriu que o processo a deixava mais macia.

Na América do Sul a primeira grande área de criação de gado foi o pampa, extensa região de pastagem natural que compreende parte do território do estado do Rio Grande do Sul no Brasil. Quando os vaqueiros passavam dias nas estradas tocando as boiadas, percebiam que a carne assada era uma refeição de fácil preparo e com o fogo da fogueira eles se aqueciam do frio e foi assim que essa tradição se expandiu, tornando-se um prato nacional e multiplicando as formas de prepará-lo. Cada região do Brasil desenvolveu um tipo diferente de carne assada.

De acordo com Marques et al (2012) No município de Porto Velho/RO existem vários espaços para a prática dessa tradição, um dos modos de evidenciar esta, para os gaúchos ou sulistas foi a instalação de churrasqueiras, que no início foram gerenciadas e tiveram a mão-de-obra exclusivamente dos que vieram daquela região, no entanto em nosso cotidiano houve crescimento econômico possibilitando sua expansão e a contratação de mão-de-obra local, observamos desse modo a geração de empregos na cidade, movimentando a economia e trazendo oportunidades.

---

5 A araucária (*Araucaria angustifolia* Kuntze 1898) é a espécie arbórea dominante da floresta ombrófila mista, ocorrendo majoritariamente na região Sul do Brasil.





O vínculo com o CTG (centro de tradições Gaúchas) torna-se um elo que reforçam suas identidades. Atualmente em Porto Velho existe um centro, onde há projetos que envolvem toda a comunidade sulista, nas atividades de dança e festejos em geral, como uma maneira de preservar a cultura e ao mesmo tempo promover a sua expansão.

As manifestações culturais não se limitam apenas a capital, como é o caso da região cone Sul do estado, onde há grande concentração de Paranaenses atraídos pela valorização e produção da soja em tal espaço, assim na região há forte vocação agrícola e pecuária, marcada pela produção em escala, isto é, por extensas fazendas de soja e milho, principalmente, além da pecuária.

Coelho (2012) aponta que em Vilhena (município de destaque do cone sul de Rondônia), ser gaúcho é ter uma identidade territorial positiva, contraposta à mistura indígena-nordestina que marca a etnoidentidade dos habitantes de Porto Velho e das demais cidades do norte e do centro do estado. Ao tratar dos migrantes sulistas em Rondônia a autora afirma que:

Vale notar que, no caso sob foco, não se trata de migrantes recentes, mas de migrados há certo tempo (30 anos ou menos), sujeitos que já têm descendência, filhos e, em alguns casos, até netos. Isso conduz à percepção de que está em causa uma desterritorialização ainda em processo, com pouco sucesso na reterritorialização, no sentido de que predominam os sentimentos de não-pertencimento, de saudosismo e até ressentimento pois, em muitos casos, a frustração das expectativas anteriores ao deslocamento efetivo evidencia-se com muito mais força do que qualquer afeto (sentimento topofílico) em relação a Vilhena e a Rondônia de modo geral. (COELHO, 2012).

Outras regiões tornaram-se destinos dos sulistas em Rondônia, como é o caso da região central do estado que se destaca principalmente pela produção leiteira, cujo aprimoramento se deu por esses migrantes que ali chegaram por meio dos primeiros projetos de colonização da região. O município de maior concentração populacional da região central é Ji-Paraná, como o próprio nome sugere é uma homenagem aos Paranaenses que colonizaram tal região.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo buscou-se enfatizar a influência da cultura sulista no desenvolvimento histórico social de Rondônia, já que tais migrantes trouxeram consigo o desejo de mudar de vida, atraídos pelas terras distribuídas por meio do processo de Colonização. A cultura em questão é notória em todas as regiões do estado, desde a capital, onde a linguagem é de certa forma marcante, até os longínquos interiores carregados de vivências diárias como o hábito do chimarrão e danças típicas. O intuito aqui não é um estudo detalhado do reflexo gerado pela cultura sulista em Rondônia, mas sim identificar tal fenômeno cultural como consequência da ocupação geográfica do estado, trazido pelo migrante que, onde quer que vá, carregará sua identidade social reproduzida nas manifestações culturais. Sendo assim, os migrantes só permanecem num determinado lugar quando conseguem reproduzir sua cultura nesse novo território ao qual estão tentando se adaptar e se reconhecer como parte integrante desse meio.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Januário. **Mata virgem: Terra prostituta**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades e Identidade do Coletivo Kawahib da Terra Indígena Uru-eu-Wau-Wau em Rondônia: “Orevaki Are” (Reencontro) dos “Marcadores Territoriais”**. Tese de Doutorado: Curitiba/UFPR, 2010.
- COELHO, Lilian Reichert. **Migração, etnoterritorialidade e pertencimento numa cidade de pequeno porte do interior de Rondônia**. *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1105> Acesso: 22/8/2015
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.
- CUNHA, Elton Alves da. **A recente ocupação: migração e territorialização em Rondônia**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434397453\\_ARQUIVO\\_ARECENTEOCUPACAO-editado.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434397453_ARQUIVO_ARECENTEOCUPACAO-editado.pdf) Acesso: 23/10/2015.
- HAESBAERT, Rogerio. **Multi/transterritorialidade e “contornamento”**: do transito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In FRAGA, Nilson Cesar (Org.) *Território e Fronteiras*. Florianópolis: Ed. Insular, 2011. p.15-32).



SILVA, Joélma Renata Nunes da; ALEXANDRE, Fernanda; SILVA, Avacir Gomes dos Santos. **Nordestinos e sulistas: as mediações do viver entre mundos em Rolim de Moura (RO)**. *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Anápolis. 2013.

SOUZA, Terezinha. **Modo de Vida de Migrantes Camponeses e a Construção do Espaço Rural**. Dissertação de Mestrado em Geografia, 2009.

MARQUES, Simone Gomes et al. **Territorialidade cultural da região sul no município de Porto velho**. Artigo apresentado em anais do V COLÓQUIO NACIONAL DO NEER. 2012. Disponível em:  
<http://www.geografia.ufmt.br/neer/ANAIS/dif/Eixo%2003%20pdf/EIXO%203%20GT1%20ARTIGO%2010%20SIMONE.pdf>

RUIZ, Castor Bartolomé. **Os Paradoxos do Imaginário**. São Leopoldo: editora UNISINOS, 2003.

### **The southern cultural influence in Rondonia regionalization**

**Abstract:** The proposed article leads us to a reflection on the cultural territoriality of southern migrants living in Rondônia and the influence that such a culture has in the space. To understand and highlight the territoriality, sought to bibliographies related to theme, as well as the perception of space as cultural reproduction. The study is guided in the migratory process that took place in Rondônia in the 70s, the result of a geopolitical strategy of territorial occupation. Identify the various cultural relations is relevant to understand the social dynamics (re) produced in space, in the case of Rondônia we can see a strong influence on dietary habits and festive.

**KEYWORDS:** territoriality. Identity. Culture.